

A coadjuvação docente na melhoria do sucesso educativo: um estudo de caso nos primeiros anos da Educação Básica em Portugal

The teaching coadjuvancy in improving educational success: a case study in the early years of basic education in Portugal

Sandra MARTINS¹

Paulo MARINHO²

Fátima SOUSA-PEREIRA³

Resumo: As escolas deparam-se com grandes desafios para responder às necessidades de todos os alunos, face à heterogeneidade das turmas e introdução de alterações nos currículos, que se pretendem mais flexíveis e diferenciados no desiderato de construir uma escola efetivamente inclusiva. Reconhecendo-se a complexidade dos processos de mudança educacional e as mais-valias associadas a culturas de colaboração para o desenvolvimento pessoal e profissional dos docentes e para a melhoria da qualidade do ensino e das aprendizagens dos alunos, torna-se relevante aferir os efeitos da aplicação do regime de equipas educativas, sustentado em lógicas de coadjuvação, no 1.º Ciclo do Ensino Básico (1.º CEB) em Portugal. Neste enquadramento, realizou-se um estudo de caso descritivo (Yin, 2005) focado nas dinâmicas de trabalho, em regime de coadjuvação, entre docentes do 1.º CEB de um Agrupamento de Escolas do norte de Portugal. O estudo objetivou compreender contributos da coadjuvação na melhoria das práticas pedagógicas docentes e no sucesso educativo dos alunos. Para o efeito, recorreu-se a um questionário a docentes titulares de turma do 1.º CEB e a uma entrevista semiestruturada à Coordenadora do Departamento do 1.º CEB. Os dados obtidos foram sujeitos à análise de conteúdo e análise estatística, numa abordagem qualitativa e interpretativa (Coutinho, 2014), tendo permitido concluir que a implementação da coadjuvação em sala de aula é entendida como processo de acompanhamento tendo como recurso o trabalho colaborativo. Como tal, fomenta a experimentação e a reflexão conjuntas, repercutindo-se na consolidação de práticas profissionais colaborativas e reflexivas, na qualidade do ensino e no sucesso escolar dos alunos.

Palavras-chave: Coadjuvação docente. Trabalho colaborativo. Inovação pedagógica. Sucesso educativo.

Abstract: Schools are faced with major challenges to meet the needs of all students, given the heterogeneity of classes and introduction of changes in curricula, which are intended to be more flexible and differentiated in the desideratum to build an effectively inclusive school. Recognizing the complexity of educational change processes and the added value associated with collaborative cultures for teachers' personal and professional development and to improve the quality of teaching and students' learning, it is relevant to assess the effects of the implementation of the educational teams scheme, based on the logic of coadjuvancy, in the first years of basic education (1st cycle) in Portugal. In this context, a descriptive case study (Yin, 2005) was carried out, focusing on the dynamics of the work, in a co-adjutant regime, among teachers of the first years of basic education in a School Grouping in the north of Portugal. The study aimed to understand the contributions of co-adjutant teaching to the improvement of teaching practices and the students' educational success. For this purpose, a questionnaire was used to primary school class teachers and a semi-structured interview was conducted with the Coordinator of the Primary School Department. The data obtained were subjected to content

¹ Agrupamento de Escolas de Valdevez, Viana do Castelo. Email: sandra.tenedorio@gmail.com

² Escola Superior de Educação - Instituto Politécnico de Viana do Castelo; Centro de Investigação e Intervenção Educativas (CIIE) - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Email: pmtmarinho@fpce.up.pt

³ Escola Superior de Educação - Instituto Politécnico de Viana do Castelo; Centro de Investigação e Intervenção Educativas (CIIE) - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Email: fatimaperreira@ese.ipvc.pt

analysis and statistical analysis, in a qualitative and interpretative approach (Coutinho, 2014), leading to the conclusion that the implementation of classroom co-adjuvation is understood as a monitoring process using collaborative work as a resource. As such, it promotes joint experimentation and reflection, resulting in the consolidation of collaborative and reflective professional practices, the quality of teaching and students' academic success.

Keywords: Teaching co-adjuvation. Collaborative work. Pedagogical innovation. Educational success.

Introdução

As escolas enfrentam grandes desafios ao lidar com as necessidades de todos os alunos, dada a diversidade das turmas e as mudanças introduzidas nos currículos, buscando maior flexibilidade, clareza e diferenciação. Diante desse contexto, a escola tem assumido a responsabilidade de buscar estratégias e mecanismos que promovam uma resposta diferenciada, assegurando a inclusão de todos os alunos. Nesse sentido, o trabalho colaborativo em regime de coadjuvação tem sido reconhecido por diversos autores como um fator facilitador para aprimorar as práticas de ensino inclusivas e o processo de aprendizagem dos alunos (Antunes, 2015; Alves; Coimbra, 2017; Lourenço, 2018).

No 1.º Ciclo do Ensino Básico (1.º CEB)⁴, a colaboração entre professores, centrada na reflexão e na partilha, pode criar um ambiente propício para a mudança curricular. A colaboração permite a expressão de diferentes concepções e dificuldades, além de promover situações que incentivam a transformação dessas concepções e consequentes práticas de ensino. É nesse sentido que se tem assumido a coadjuvação como um modelo que pressupõe um trabalho conjunto e preferencialmente colaborativo entre os professores envolvidos. No contexto do 1.º CEB, em Portugal, este modelo de ação pedagógica é relativamente recente, tendo sido introduzido com a implementação do modelo de Escola a Tempo Inteiro, no ano letivo de 2006/07.

Esse modelo ampliou o tempo de permanência dos alunos na escola, proporcionando atividades pedagógicas complementares às aprendizagens básicas e à inclusão de novas disciplinas e professores especializados. Além disso, o conceito de monodocência na Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE) português passou a ser enquadrado como a responsabilidade confiada ao professor para, por si só, implementar um ensino globalizante, podendo ser coadjuvado em áreas especializadas, o que remete para uma monodocência

⁴ Em Portugal, o 1.º Ciclo do Ensino Básico (1.º CEB) corresponde aos primeiros quatro anos de escolaridade obrigatória (frequentado por crianças entre os 6 e os 9/10 anos de escolaridade).

DOI: 10.24024/23585188v15n2a2022p04018

coadjuvada, que prevê o papel do professor titular e o do professor cooperante ou profissional com quem colabora. Nesse contexto e de acordo com Vale e Mouraz (2014, p.101), “a gestão curricular e a organização pedagógica do tempo, do espaço, dos ritmos de aprendizagem, da disciplina na sala de aula, dos intervalos e dos recreios, e até mesmo do currículo informal, passaram a ser responsabilidade coletiva da escola”. Segundo as autoras, essa medida constitui “um instrumento essencial na reconfiguração do modelo de escola pública do 1.º CEB” (Vale; Mouraz, 2014, p. 99), no entanto, a legislação impulsionadora desta modalidade de implementação da monodocência coadjuvada não se revelou condição suficiente para a alteração significativa das práticas docentes, resultando principalmente na mudança do regime de ensino e sendo considerada uma transição do regime de monodocência para um regime de monodocência coadjuvada. Essa abordagem também é vista por Pereira (2010) como uma alternativa ao isolamento profissional. Carolino (2007), mesmo antes da sua implementação efetiva, já defendia essa visão:

(...) esta forma de trabalhar minorava a situação de isolamento de trabalho de sala de aula e o individualismo dos professores e seria uma estratégia para se desenvolver um trabalho de colaboração, perspectivando se, a nosso ver, novas identidades profissionais e formas de bem-estar docente (Carolino, 2007, p. 170).

O Despacho Normativo n.º 10-B/2018, de 6 de julho, que estabelece as regras a que deve obedecer a organização do ano letivo nos estabelecimentos públicos de educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário, é outro exemplo de mais uma medida legal promotora da coadjuvação e do trabalho colaborativo entre docentes. Este despacho procura atualizar e melhorar as condições do exercício da autonomia pedagógica e organizativa de cada escola, de modo que cada uma tome as opções de organização curricular que melhor se adaptem às características dos seus alunos. Isto através “da implementação de projetos próprios que valorizem as boas experiências e promovam práticas colaborativas, tendo em conta os recursos humanos e materiais de que as escolas dispõem” (Portugal, 2018). No artigo 11.º estabelece, no ponto 1, que “as medidas de reforço da autonomia e das possibilidades de flexibilidade no desenvolvimento do currículo visam possibilitar a melhoria das aprendizagens dos alunos, garantindo que todos alcançam as competências previstas no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (PASEO)” (Portugal, 2018). No seu ponto 5 estabelece que “a adoção da medida de coadjuvação em sala de aula deve assentar numa lógica de trabalho colaborativo entre os docentes envolvidos” (Portugal, 2018). De um modo

geral, a coadjuvação em sala de aula é referida, no Despacho Normativo nº17- A/2015, artigo 20º, alínea d), como medida de promoção do sucesso escolar, que visa contribuir para as práticas colaborativas e para a melhoria do ensino ministrado nas escolas.

É tendo por base este enquadramento que se realizou um estudo, de que este artigo dá conta, e que teve como objetivo responder às seguintes questões de investigação: i) A coadjuvação contribui para melhorar o sucesso educacional? Se sim, de que forma?; ii) A coadjuvação incentiva a colaboração entre os professores?; iii) Que tipos de trabalho colaborativo surgem dos processos de coadjuvação que apoiam a melhoria do sucesso educacional?

O estudo procura apresentar os possíveis benefícios da coadjuvação na promoção de práticas pedagógicas inovadoras, visando beneficiar os alunos e contribuir para o seu sucesso escolar.

Da coadjuvação à colaboração transformadora

A sociedade atual coloca às instituições educativas em geral e aos docentes em particular, grandes desafios, impondo-lhes uma atitude de adaptação à mudança que envolva flexibilidade, intervenção, colaboração e inovação perante novas situações. A orientação central do atual modelo de escola, como comunidade educativa, associada aos processos de autonomia e flexibilidade curricular, aponta no mesmo sentido, na medida em que incentiva a participação, a colaboração e a prática reflexiva. Nesta perspectiva, as instituições escolares não podem ser locais onde os docentes agem de maneira desarticulada, mas sim de forma colaborativa. Este é um dos grandes desafios que se coloca atualmente.

É nesta perspectiva que, com a coadjuvação, se pretende encontrar respostas para a melhoria das competências das equipas pluridisciplinares, alcançando uma visão mais ampla das situações através de um olhar mais enriquecido que permita desenvolver intervenções em educação e formação de maior qualidade. Considerando-se a relevância da coadjuvação, na sua relação com o trabalho colaborativo, para a melhoria de práticas letivas e das aprendizagens dos alunos, o estudo visa compreender de que forma funciona e como é vista pelos docentes.

Culturas de individualismo, balcanização ou de colegialidade artificial, ainda muito presentes nas escolas, limitam fortemente as práticas colaborativas (Hargreaves, 1998;

Marinho; Freitas, 2018; Schleicher, 2016) nas quais a coadjuvação assenta. Neste contexto, a coadjuvação em sala de aula parece despontar como estratégia que poderá funcionar como meio impulsionador de trabalho colaborativo, rompendo com o isolamento que se manifesta no trabalho dos professores, facilitando, conseqüentemente, uma cultura de observação em sala de aula, pautada pela colegialidade.

Segundo Obando-Castillo (2016), a contribuição da coadjuvação para o desenvolvimento profissional docente gera nos professores uma atitude de maior autoconfiança e motivação no desempenho das suas atividades. Neste âmbito, Huguet (2011) refere que são cada vez mais numerosas as experiências em que se constata que quando se leva a cabo um trabalho de coadjuvação, com uma certa continuidade no tempo e como forma de acompanhamento do trabalho em sala de aula, dando lugar à reflexão e à partilha de resultados, os docentes mostram, de um modo geral, satisfação, valorizando de forma positiva estas práticas. Segundo alguns estudos (Leitão, 2021; Lourenço, 2018; Machado; Tadeu, 2017) a coadjuvação, embora careça de colaboração fora da sala de aula, estrutura-se e desenvolve-se, essencialmente, numa base colaborativa em sala de aula, com os alunos e pares. Esta estratégia permite ajudar os alunos a trabalhar sobre as suas dificuldades, em qualquer disciplina, estando o apoio à disposição de todos, quer dos que a necessitam constantemente, como daqueles que a requerem de forma mais ocasional (Campos, 2017; Leite, 2000).

Diversos estudos efetuados sobre a temática da coadjuvação e o trabalho colaborativo (Antunes, 2015; Barreira, 2017; Alves; Coimbra, 2017; Lourenço, 2018; Sousa, 2021), constataam que as práticas colaborativas possuem grandes potencialidades, uma vez que proporcionam a reconstrução do conhecimento, esperando-se que conduzam à mudança de práticas, ao desenvolvimento de projetos e, conseqüentemente, à melhoria das aprendizagens dos alunos. De acordo com Hargreaves (1998, p.19), a cultura colaborativa caracteriza-se pelo estabelecimento de relações que emergem dos próprios professores, nas quais estes “podem trabalhar juntos, fornecer apoio mútuo, oferecer feedback construtivo, desenvolver objetivos comuns e estabelecer limites que apresentem desafios”. O mesmo autor afirma que os professores neste tipo de cultura não se limitam apenas a “colaborar em actividades iniciadas a partir de fora, mas também em projectos desenvolvidos por eles próprios” (1998, p. 218). Isto é, este tipo de colaboração ultrapassa uma simples ação de realização de um trabalho em conjunto, pois, nesta perspectiva, a colaboração, exige “uma maior dose de

DOI: 10.24024/23585188v15n2a2022p04018

partilha e interação do que a simples realização conjunta de diversas operações” (BoaVida; Ponte, 2002, p. 4). É nesse sentido que a colaboração é considerada como potência substancial na transformação da ação docente (Schipper; Goei; Veen, 2020), na medida em que:

o trabalho colaborativo entre professores pode ser o ponto de partida para transformar os problemas em soluções, enfrentando os desafios que são colocados à escola na sociedade actual. Importa, portanto, reflectir sobre o que se entende por trabalho colaborativo e sobre o modo como este pode determinar a acção profissional. (Roldão, 2006, p.21)

A maioria dos estudos de aprendizagem organizacional pressupõe que as interações colaborativas com outras pessoas no contexto de trabalho promovem o desenvolvimento profissional num sentido propositivo (Camburn, 2010; Parise; Spillane, 2010; Wilson; Goodman; Cronin, 2007). Isto é, escolas com relações de trabalho colaborativo ensinam e a própria organização aprende (Bolívar, 2012).

Considerando a pertinência do tema pretende-se, com o estudo a que se refere o presente artigo, conhecer contributos da coadjuvação que possam ser considerados fatores facilitadores à colaboração e ao desenvolvimento de projetos perspectivando a melhoria das aprendizagens dos alunos.

Metodologia

Tendo por referência a problemática atrás enunciada, foi realizado um estudo de caso descritivo (Yin, 2005) em que se procurou compreender as dinâmicas de trabalho, em regime de coadjuvação, entre docentes do 1.º CEB de um Agrupamento de Escolas do norte de Portugal (região de Viana do Castelo). O estudo assentou numa investigação exploratória de natureza qualitativa e interpretativa (Coutinho, 2014) que recorreu a uma entrevista semiestruturada à Coordenadora do Departamento do 1.º CEB e a um questionário a todos os professores titulares de turma a lecionar o 3.º e 4.º anos de escolaridade, num total de 11 docentes (seis a lecionar o 4.º ano de escolaridade e cinco a lecionar o 3.º ano), codificados de D1 a D11.

Destes 11 docentes participantes no estudo, a maioria: é do género feminino (n=9); tem entre 40 e 49 anos de idade (n= 7); é detentora de habilitação académica ao nível da licenciatura (n=8). Predominantemente, em termos de tempo de serviço estes professores têm

mais de 35 anos de serviço docente ou entre os 16 e os 20 anos (n=4, cada).

A entrevista à Coordenadora do Departamento do 1.º CEB e o questionário aplicado aos docentes titulares de turma, tiveram como objetivo aceder às perspectivas destes interlocutores-chave sobre aspectos teórico-práticos relacionados com coadjuvação e trabalho colaborativo docente, assim como aceder a um balanço sobre a implementação de práticas de coadjuvação em sala de aula entre docentes deste nível educativo. Os dados obtidos pela entrevista foram sujeitos à análise de conteúdo, assim como às respostas às questões abertas do questionário. As respostas às questões fechadas (escolha múltipla ou escala de *likert*), bem como os dados de caracterização dos participantes foram tratados por análise estatística. O estudo cumpriu os princípios éticos associados à investigação científica, nomeadamente quanto ao consentimento livre e informado e à garantia do anonimato e confidencialidade dos dados.

Apresentação e discussão dos resultados

Os dados obtidos através do questionário aos docentes e da entrevista semiestruturada à Coordenadora do Departamento do 1.º CEB são apresentados de forma integrada, cruzando as perspectivas dos participantes envolvidos no processo de coadjuvação implementado no Agrupamento de Escolas nos últimos dois anos, em torno de dois eixos principais: 1) perspectivas sobre coadjuvação e trabalho colaborativo docente; 2) balanço sobre a implementação de práticas de coadjuvação em sala de aula.

1) Perspectivas sobre coadjuvação e trabalho colaborativo docente

Questionados sobre o significado do **conceito de coadjuvação**, verificou-se que, tanto os docentes (n=11) como a coordenadora de departamento, são unânimes em considerar a coadjuvação como “cultura de trabalho colaborativo” entre docentes, “trabalho em equipe”, durante as aulas e que se poderá estender depois das aulas propriamente ditas, na “preparação de atividades/trabalhos”, dependendo da dinâmica de cada par, podendo ser uma complementaridade que potencializa a inovação pedagógica. Neste entendimento, as perspectivas de coadjuvação, vão no sentido de tipo de prática letiva, geralmente exercida por dois docentes, um professor responsável pela turma e por outro que o auxilia, com a finalidade

de investir na melhoria da qualidade das aprendizagens dos alunos e na promoção do seu sucesso educativo.

Nesse sentido, a coadjuvação em contextos educativos pressupõe o apoio de um professor específico (em uma área específica) ao professor da turma, a fim de criar condições que favoreçam uma educação abrangente e de qualidade (Leite, 2000). A coadjuvação requer disposição e disponibilidade por parte dos professores envolvidos para colaborarem (Campos, 2017), combinando a dimensão cognitiva com o desenvolvimento pessoal, relacional e social dos alunos, ou seja, uma abordagem educacional holística que engloba todo o sujeito aprendiz e promove seu desenvolvimento.

Relativamente às **potencialidades da prática de coadjuvação em sala de aula**, tanto os docentes como a coordenadora de departamento consideram-nas fatores facilitadores e promotores de sucesso educativo, justificando que “favorece o desenvolvimento de atividades e de projetos”, “a implementação de metodologias ativas”, “o apoio mais sistemático a alunos que apresentem mais dificuldade e ritmos diferentes de trabalho”. Alguns dos docentes referiram também que “a coadjuvação em sala de aula procura valorizar as experiências e as práticas colaborativas que conduzam à melhoria do ensino” (D3), refletindo-se na melhoria da qualidade das aprendizagens dos alunos. Os docentes referiram-se especificamente à possibilidade de “um apoio mais individualizado aos alunos e o acompanhamento dos diferentes ritmos de aprendizagem da turma” (D10) justificando que “estimula os alunos a solicitarem esclarecimento de dúvidas com mais frequência, proporcionando mais confiança” (D8). Por outro lado, a Coordenadora de Departamento afirma que se a turma tiver um comportamento disruptivo poderá, esta medida, reforçar o controle do comportamento disciplinar da turma.

Este modo de trabalho docente pode tomar diversas formas: articulação de conteúdos entre ciclos diferentes ou no mesmo ciclo; trabalho conjunto para conhecer melhor a população escolar; identificação dos pontos fortes e pontos fracos da escola; diagnóstico de problemas e dificuldades; discussão sobre respostas mais apropriadas; experimentação e monitorização das respostas encontradas; acompanhamento de alunos; partilha de conhecimentos e estratégias.

Com efeito, a quase totalidade dos docentes (n=10) considera que há uma associação forte entre a coadjuvação e o trabalho colaborativo, podendo constatar-se que a necessidade de uma ideia coletiva de escola e de trabalho conjunto pode apresentar-se como um veículo de

formação e de aprendizagem. A este propósito, foi referido que “a existência de dois docentes no mesmo espaço educativo quebra o isolamento profissional, proporciona a interação e a reflexão entre ambos, a partilha de metodologias, de recursos e de estratégias diversificadas” (D1). Além disso, alguns docentes (n=6) partilham do entendimento de que a explicação dos conteúdos programáticos de diferentes maneiras é benéfica para as aprendizagens dos alunos uma vez que nem todos aprendem do mesmo modo. Salientam, ainda, que a coadjuvação é um meio que possibilita ter uma visão diferente sobre os alunos com mais dificuldade/capacidade, promovendo o desenvolvimento de práticas mais inclusivas.

Por outro lado, alguns docentes (n= 7) identificaram potencialidades da coadjuvação do ponto de vista do desenvolvimento profissional, por constituir um espaço fértil para a reflexão conjunta sobre a atuação docente, para a construção colaborativa do conhecimento e para a inovação de práticas (Schipper; Goei; Veen, 2020). Desta forma a colaboração pode assumir-se como um processo que potencializa o desenvolvimento profissional (Camburn, 2010; Parise; Spillane, 2010; Wilson, Goodman; Cronin, 2007), pois, trata-se de um projeto de realização que envolve várias pessoas, partilha, responsabilidade, mas ao mesmo tempo deve trazer benefícios para todos os intervenientes. Ou seja, constitui um processo que parte do individual para acolher os saberes e as experiências dos outros, questionando os próprios saberes, através de um processo reflexivo. Neste sentido, poder-se-á compreender que nas escolas onde predominam dinâmicas de trabalho colaborativo os docentes desenvolvem capacidades para fazer face a mudanças, nomeadamente, as que são impostas externamente, ajustando-as ao seu próprio contexto (Bolivar, 2012; Hargreaves, 1998; Marinho; Freitas, 2019; Schleicher, 2016).

2) Balanço sobre a implementação de práticas de coadjuvação em sala de aula.

Considerando o processo de coadjuvação implementado no Agrupamento de Escolas nos últimos dois anos, pretendeu-se saber em que medida a coadjuvação e o trabalho colaborativo trouxeram vantagens para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem.

Os dados apresentados parecem indicar que os professores (n=11) associam, à **prática de coadjuvação em sala de aula**, uma diversidade de **vantagens**, destacando-se, uma maior disponibilidade para prestação de apoio a alunos que manifestem mais dificuldades de

aprendizagem e para a implementação de projetos e de metodologias ativas. Esta perspectiva é corroborada pela coordenadora de departamento, que é da opinião que a coadjuvação potencializou “uma maior disponibilidade em sala de aula para dar resposta às solicitações dos alunos, garantido um apoio mais individualizado para o desenvolvimento de projetos” no sentido de se aplicarem metodologias mais inovadoras e ativas e com o recurso às tecnologias da informação.

No que se refere à preparação, em parceria, da aula coadjuvada foi apontada pelos docentes (n=11) como uma necessidade com reflexo na definição de estratégias e dos papéis de cada um dos intervenientes. Acerca do modo como a coadjuvação pode se desenvolver na sala de aula, foram apontados como fatores preponderantes: o desenvolvimento de projetos, o apoio a alunos com mais dificuldades de aprendizagem, a preparação de materiais em conjunto e o desenvolvimento de estratégias, a partilha de experiências pedagógicas, reflexão, construção de materiais e a tomada conjunta de decisões relacionadas com a prática letiva. Também a reflexão sobre o trabalho desenvolvido durante a aula coadjuvada e o trabalho colaborativo foram indicados como positivos (n=8) para superar as dificuldades e potencializar o que foi possível concretizar na sala. Estes aspectos revelam uma compreensão da coadjuvação como mecanismo fomentador de trabalho colaborativo, partilha e reflexão sobre a prática (Huguet, 2011; Leitão, 2021; Lourenço, 2018).

Do ponto de vista das **condições** para que a **coadjuvação** entre docentes seja uma estratégia vantajosa para o sucesso educativo dos alunos, os docentes consideraram (n=11) que é necessário haver: partilha de informação, enquanto base para que a coadjuvação seja profícua; diálogo; confiança.

Como balanço, os docentes, na sua maioria (n=9), são de opinião de que a coadjuvação tem impacto positivo na prática letiva dos docentes, opinião também sustentada pela coordenadora de departamento.

Além disso, todos os docentes (n=11) destacaram a dimensão colaborativa do trabalho docente no processo de coadjuvação por considerarem que este se desenvolveu: i) na partilha de experiências pedagógicas, construção de materiais e tomada conjunta de decisões relacionadas com a prática letiva; ii) no trabalho de planificação entre os professores que lecionam o mesmo ano de escolaridade, refletido na planificação de aulas e de atividades conjuntas de modo a que haja materiais comuns e sequências paralelas. Apesar disso, um dos docentes, fazendo referência às dificuldades sentidas, referiu: “Tenho pena que muitos

colegas não considerem a coadjuvação como trabalho colaborativo, partilha de experiências e metodologias pedagógicas”. Depreende-se que, no trabalho colaborativo entre docentes, a forma como este se processa é determinante para o sucesso dos objetivos a atingir.

Considerações finais

Para que possam dar resposta aos desafios colocados por uma sociedade cada vez mais complexa, é importante a assunção de mudanças de paradigma ao nível pedagógico e metodológico pela escola atual e pelos professores. Torna-se fundamental a participação e envolvimento de todos os atores educativos em momentos de reflexão, de partilha, de colaboração. Para tal, é importante manter como principal motivação o incremento do trabalho colaborativo numa escola aprendente e motivada para o sucesso.

De acordo com os resultados do presente estudo e considerando as opiniões dos intervenientes, a coadjuvação parece estar a despontar nas escolas. Constata-se que, de uma forma geral, a coadjuvação assume um papel preponderante. Verifica-se que os docentes entendem a coadjuvação como um processo de acompanhamento e de apoio individualizado, no desenvolvimento de práticas promotoras de aprendizagem e de sucesso educativo e de partilha, sendo, por conseguinte, associada a trabalho colaborativo. Depreende-se que a coadjuvação tem um papel importante na aprendizagem dos discentes e altera, de certo modo, o ambiente de sala de aula. Apesar de ser uma medida temida por grande parte dos docentes quando da sua implementação, pouco a pouco, tem-se vindo a afirmar como transformadora (Bolivar, 2012; Camburn, 2010; Parise; Spillane, 2010; Wilson; Goodman; Cronin, 2007) de algumas práticas e vários docentes têm conseguido tirar partido de terem um outro docente em sala de aula para aprenderem, ensinarem e trabalharem conjuntamente. Muitas vezes este trabalho de pares passa para outros pares do mesmo grupo, formando-se grupos aprendentes que discutem estratégias, experimentam medidas, traçam metas de uma forma muito mais facilitada pelo conhecimento mais aproximado que têm do trabalho de cada um. Os docentes referem como muito importante o fato de conhecerem o trabalho uns dos outros dentro da sala de aula. Deste modo sentem-se mais à vontade no trabalho com os colegas.

Verifica-se, em resultado da análise efetuada, que a coadjuvação potencializa, ainda, a reflexão conjunta sobre a prática letiva, com a finalidade de a tornar cada vez mais eficaz e adequada a cada um dos alunos, bem como a procura de soluções para os problemas do

DOI: 10.24024/23585188v15n2a2022p04018

cotidiano da sala de aula, o apoio mais individualizado aos alunos com mais dificuldades e mesmo o controle do comportamento, facilitando a prática letiva, o ritmo da aula e a implementação de outras metodologias.

Considerando toda a dinâmica que se estabeleceu com a implementação da coadjuvação em sala de aula, confirma-se que os docentes entendem a coadjuvação como um processo de acompanhamento tendo como recurso o trabalho colaborativo. Deste modo, esta prática fomenta a experimentação e a reflexão, repercutindo-se no aperfeiçoamento das práticas pedagógicas, contribuindo para a eficácia do ensino proporcionado aos alunos e, por conseguinte, na melhoria do ensino-aprendizagem.

Referências

ALVES, C. D.; COIMBRA, M. DE N. Um Projeto transversal de leitura: concretização e contributos. **Indagatio Didactica**, v. 9, n. 3, p. 99-112, 2017.

ANTUNES, I. de A. **Da Monodocência à Monodocência Coadjuvada**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico) – Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich, Lisboa, 2015.

BARREIRA, M. C. P. M. **Trabalho colaborativo n 1º ciclo ensino básico** - Um estudo prospetivo. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática na Educação Pré-escolar e nos 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico) –Escola Superior de Educação de Lisboa, Lisboa. 2017.

BOAVIDA, A. M.; PONTE, J. P. Investigação colaborativa: Potencialidades e problemas. In GTI (Org.). **In: Reflectir e investigar sobre a prática profissional**. Lisboa: APM, 2002.

BOLIVAR, A. **Melhorar os processos e os resultados educativos: O que nos ensina a investigação** Porto: Fundação Manuel Leão, Vila Nova de Gaia, 2012.

CAMPOS, S. **Inclusão no 1º e 2º CEB: as estratégias mais valorizadas pelos professores**. 2017. Dissertação (Mestrado em Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia de Portugal no 2º Ciclo do Ensino Básico) – Escola Superior de

DOI: 10.24024/23585188v15n2a2022p04018

Educação de Paula Frassinetti, Porto, 2017.

CAMBURN, E. M. Embed teacher learning opportunities as a site for reflective practice: an exploratory study. **American Journal of Education**, v. 116, p. 463–489, 2010.

CAROLINO, A. M. A atualidade do 1º CEB: monodocência, coadjuvação ou pluridocência? *In*: LEITE, C.; LOPES, L. (org.). **Escola, Currículo e formação de Identidades**. Porto: Edições ASA, 2007.

COUTINHO, C. P. **Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: teoria e prática** (2. ed.). Edições Almedin: Lisboa, 2014.

HARGREAVES, A. **Os professores em tempos de mudança: o trabalho e a cultura dos professores na idade pós-moderna**. Alfragide: McGraw-Hill, 1998.

HUGUET, T. El asesoramiento a la introducción de procesos de docencia compartida. *In*: E. MARTÍN, E; ONRUBIA, J. **Orientación Educativa: procesos de innovación y mejora de la enseñanza**. Barcelona: Editorial Graó, 2011.

LEITÃO, A. **Contributos para a Compreensão da Coadjuvação de Expressão e Educação Musical, no 1.º Ciclo do Ensino Básico, num Agrupamento de Escolas do Algarve**. 2021. Dissertação (Mestrado em Gestão e Administração Escolar) – Escola Superior de Educação e Comunicação da Universidade do Algarve, 2021.

LEITE, C. Monodocência – Coadjuvação. Gestão curricular no 1º Ciclo. *In*: LEITE, C. **Gestão curricular no 1º ciclo**. Lisboa: ME/DEB, 2000

LOURENÇO, E. **Da coadjuvação ao trabalho colaborativo e do trabalho colaborativo à supervisão pedagógica: impactos no Desenvolvimento Profissional dos Docentes e nas Aprendizagens dos Alunos**. 2018. Dissertação (Mestrado em Supervisão Pedagógica) – Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, 2018.

DOI: 10.24024/23585188v15n2a2022p04018

MACHADO, J.; TADEU, E. Os professores e a coadjuvação em sala de aula. Educação, Territórios e Desenvolvimento Humano. **Atas do II Seminário Internacional**. Porto: Universidade Católica Portuguesa. 2017.

MARINHO, P.; FREITAS, M. A (re) produção da cultura docente na cultura escolar: categorias êmicas-éticas na compreensão das ações cotidianas de professores. **Linhas Críticas**, v.24, p. 582-602, 2018.

OBANDO-CASTILLO, G. Aproximación al principio de colaboración como clave para la práctica de la codocencia. **Educationis Momentum**, v. 2, n. 1, p. 93-107, 2016.

PARISE, L. M.; SPILLANE, J. P. Teacher learning and instructional change: how formal and on-the-job learning opportunities predict change in elementary school teachers' practice. **The Elementary School Journal**, v. 110, n. 3, p. 323-346, 2010.

PEREIRA, A. V. O “alcançar de Aquiles” do programa AEC: A articulação curricular. *In*: LEITE, C.; MOREIRA, A. F.; PACHECO, J. A.; MORGADO, J. C.; MOURAZ, A. (Orgs.), Debater o currículo e seus campos: Políticas, fundamentos e práticas. **Actas do IX colóquio sobre questões curriculares/V colóquio luso-brasileiro** (pp. 221-231). Porto: FPCEUP. 2010

PORTUGAL. **Despacho nº 8709, de 06 de julho de 2018**. Diário da República [de Portugal], nº 129, 06 jul. 2018.

ROLDÃO, M. do C. Trabalho Colaborativo. O que fazemos e o que não fazemos nas escolas? **Noesis**, n. 66, pp. 22-23, 2006

SCHLEICHER, A. **Teaching Excellence through Professional Learning and Policy Reform: Lessons from Around the World**. International Summit on the Teaching Profession, OECD Publishing, Paris, 2016.

SCHIPPER, T.; VRIES, S.; GOEI, S. L.; VEEN, K. V. Promoting a professional school

DOI: 10.24024/23585188v15n2a2022p04018

culturethrough lesson study? Anexa mination of school culture, school conditions, and teacher self-efficacy. **Professional Development in Education**, v. 46, n. 1, pp. 112-129, 2020.

SOUSA, A. M. A. **Supervisão pedagógica entre pares e trabalho colaborativo**: contributos para o desenvolvimento profissional docente e para a inovação curricular. 2021. Dissertação (Mestrado em Supervisão Pedagógica) – Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, 2021.

VALE, A.; MOURAZ, A. Da monodocência aos ensaios de coadjuvação no 1.º ciclo do ensino básico: reconfigurações de um ciclo da educação básica. **Educação, Sociedade & Culturas**, n. 43, p. 87-105, 2014.

WILSON, J. M., GOODMAN, P. S.; CRONIN, M. A. Grouplearning. **Academy of Management Review**, v. 32, p. 1041-1059, 2007.

YIN, R. **Estudo de caso**. Planejamento e métodos (2.ed.). Porto Alegre: Bookman. 2005.